

Estética midiática e empoderamento negro: a construção de um espelho mais colorido pelo exercício subversivo da cidadania comunicativa¹

Leslie Sedrez Chaves²

Entendido como um processo, ou seja, enquanto uma experiência que não é uniforme tem nuances e temporalidades diversas e se desenvolve no âmbito social, o sistema midiático é um elemento importante de nosso processo de constituição enquanto sujeitos. Conforme bem assinala Silverstone (2002), o sistema midiático é onipresente e somos crescentemente dependentes dele, “é uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea” (p. 12). Assim, a partir de sua linguagem e seus enunciados, uma parte significativa de nossa visão de mundo e, conseqüentemente, de nossa identidade é construída. Nesse sentido, a mídia aqui é compreendida como uma experiência “historicamente específica” (SILVERSTONE, 2002, p. 17), por esse motivo é tão importante prestar atenção às diferentes vivências com relação à mídia como fenômenos singulares, que têm características relacionadas aos cotidianos onde estão inseridas. É no cotidiano o espaço onde a mídia imprime sua presença ativa, trabalhando os valores simbólicos em circulação, criando e negociando representações, alimentando e sendo alimentada pelo “senso comum” (SILVERSTONE, 2002).

Nesse cenário midiático está inserida a internet, que tem participado com cada vez mais intensidade de diversos âmbitos da vida social. Como ressalta Castells (2009, p. 100), os usuários “vivem com a internet”, e dentro de suas variadas aplicações,

¹ Trabalho apresentado no GT19 – Mídia e identidades subalternas: novos olhares epistemológicos para atores emergentes.

² Jornalista, mestra em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (leslie_chaves@yahoo.com.br).

seja no trabalho, para contatos pessoais, na obtenção de informação e entretenimento, nos serviços públicos, na política ou na religião; ela “es el tejido de la comunicación de nuestras vidas”. Não só os cotidianos pessoal e organizacional passaram por transformações a partir dos usos e a internet possibilita e potencializa, mas também o modo de se relacionar e pensar sobre os meios de comunicação já existentes se transformou, gerando o fenômeno da convergência midiática, no qual a informação flui simultaneamente por diferentes canais.

De acordo com Jenkins (2008), a convergência não ocorre nos suportes tecnológicos, na dimensão material por meio da qual circula o fluxo de informações. Ela acontece no modo de pensar dos sujeitos individualmente e no seio das relações sociais entre as pessoas. Porque, conforme o autor aponta, “cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana” (JENKINS, 2008, p. 30). Assim, essas transformações também atingem as formas como os indivíduos e as organizações se relacionam com a mídia, mesclando as funções de produtor e consumidor no processo comunicativo.

Jenkins (2008, p. 29-30) designa como “participantes” esses sujeitos em interação midiática, pois podem exercer, em alguns momentos, simultaneamente os dois papéis (produtor e consumidor) nesse processo, onde antigos e recentes veículos de comunicação se encontram e mídias corporativas e alternativas dialogam. Tal contexto amplia as possibilidades de diferentes atores sociais se utilizarem do potencial que essa configuração midiática oferece para colocar em prática seus projetos, defender seus direitos e exercer sua cidadania comunicativa.

A presente comunicação se propôs a refletir a respeito dessas potencialidades comunicativas, porém mais especificamente em relação aos usos que a população afro-brasileira tem feito dessas ferramentas midiáticas. Pensar os afro-brasileiros em relação e em circulação no ambiente midiático é de suma importância porque inúmeras pesquisas - entre as mais relevantes pode-se citar “A negação do Brasil - o negro na telenovela

brasileira” (2000), de Joel Zito Araújo - atestam com rigor científico o que se pode ver a olhos nus, mas que em geral não é admitido pelos meios de comunicação e por boa parte da sociedade: a ausência de negros nas produções midiáticas brasileiras, ou a presença estereotipada dessa população.

O resultado desse processo de invisibilidade e estereotipia na esfera midiática é o reforço do perverso racismo, que no Brasil é principalmente ligado a características fenotípicas, onde as gradações de cor da pele mais escuras e tipos de cabelos e feições do rosto negróides são associados a aspectos negativos e são as mais discriminadas. Em contrapartida a essa situação, tem sido observada uma série de ações em prol da valorização dos traços característicos do corpo negro. Essas iniciativas não necessariamente vêm de organizações sociais de combate ao racismo, mas principalmente de atores individuais, ou de pequenos grupos não tão formalizados, os quais extrapolam a denúncia e se utilizam principalmente da internet para, através da estética midiática, criar materiais que contribuem para a valorização da imagem e estética do corpo negro e, conseqüentemente, para o empoderamento dos afrodescendentes. São ações que, para subverter a monocromia da mídia, partem de uma “outra epistemologia” para a criação de materiais que contribuem para a valorização da imagem do negro, para o empoderamento dos afrodescendentes e para a construção de um ambiente midiático que possa refletir mais cores.

Ao considerar que “toda a experiência social produz e reproduz conhecimento e (...) qualquer conhecimento válido é sempre contextual, tanto em termos de diferença cultural, como em termos de diferença política”, e vai gerar diferentes epistemologias de acordo com o cenário em que está inserido (SANTOS, MENESES, 2009, p. 9), este trabalho objetiva pensar as recentes experiências dos afrodescendentes nesse cenário midiático. Vivências que se alinham ao chamado Sul metafórico, entendido “como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo” (SANTOS, MENESES, 2009, p. 12).

Para Santos (2009, p. 23), o pensamento moderno ocidental divide a realidade social em dois universos de acordo com distinções invisíveis: o universo “deste lado da linha”, e o universo “do outro lado da linha”. É o que o autor chama de “linha abissal”, onde os que são considerados posicionados “no outro lado da linha” são excluídos de forma radical, uma vez que são vistos como irrelevantes e incompreensíveis. Isto é, produzem formas de conhecimento que não se adequam aos preceitos da ciência moderna ocidental, que detém o monopólio da distinção universal entre o que é verdadeiro e falso. Dentro desta proposta, a presente reflexão também foi desenvolvida tendo em perspectiva a concepção de pensamento pós-abissal (SANTOS, MENESES, 2009), em que são considerados e respeitados diferentes pontos de vistas acerca do fenômeno em estudo.

Outro objetivo em se eleger a visão pós-abissal para orientar o presente trabalho também se relaciona com uma reflexão acerca do tipo de conhecimento que se quer produzir, para quê e para quem se deseja colocar esse saber a serviço, e ainda, com as relações de poder que envolvem os papéis desempenhados pelos indivíduos dentro da academia, pois

Como produto do pensamento abissal, o conhecimento científico não se encontra distribuído socialmente de forma equitativa, nem poderia encontrar-se, uma vez que o seu desígnio original foi a conversão deste lado da linha em sujeito do conhecimento e do outro lado da linha em objeto de conhecimento. As intervenções no mundo real que favorece tendem a ser as que servem os grupos sociais que têm maior acesso a este conhecimento (SANTOS, 2009, p. 48).

Torna-se ainda mais relevante assinalar tais elementos, porque o presente trabalho foi realizado por uma pesquisadora que se autoidentifica como negra, fato que representa não só a afinidade com a perspectiva pós-abissal, mas principalmente o deslocamento do sujeito “do outro lado da linha” da posição de objeto de estudo para o lugar de produtor de conhecimento. Nesse sentido, é importante essa discussão porque a condição de ser uma pesquisadora afro-brasileira refletindo acerca das relações raciais no país envolve uma série de aspectos relativos ao contexto racial no Brasil de um modo

geral e especificamente na academia, ao histórico de lutas das populações negras e dos movimentos sociais negros organizados, e ainda á credibilidade e função do conhecimento produzido nessa situação.

O intelectual negro, mesmo o que não produz conhecimento sobre as relações raciais, por sua condição étnico-racial, enfrenta os desafios de se inserir em um contexto universitário racializado e que historicamente não representa o “lugar” atribuído ao negro pela sociedade. No entanto, os pesquisadores negros que se ocupam do estudo de temas raciais se defrontam ainda com os questionamentos a respeito da credibilidade do conhecimento que produzem, o qual entra conflito com um modelo de ciência canônico que acredita na neutralidade científica (GOMES, 2009). Por outro lado, essa inserção dos afrodescendentes na academia representa uma mudança positiva e gradativa do ponto de vista acerca dessas questões. Tanto no que diz respeito ao olhar da população negra enquanto produtora do conhecimento acerca dos objetos de estudo, quanto em relação à consolidação e legitimação do espaço desse grupo social dentro do ambiente acadêmico.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil - o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Senac-SP, 2000.

CASTELLS, Manuel. *Comunicación y poder*. Madrid: Alianza editorial, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 419-441.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para Além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2002.